

Gianni Vattimo

Circunstâncias

Vem a propósito dizer algumas palavras de circunstância, não sobre a religião, mas sobre a génese desta iniciativa. Em 1992, Giuseppe Laterza concebeu o projecto de alargar a experiência do nosso *Anuário Filosófico Italiano* através da criação de um Anuário europeu; confiou esse encargo a Jacques Derrida e a mim; faltava somente a escolha do tema. Pensei na religião e falei disso com Maurizio Ferraris. Pouco tempo depois, no mês de Novembro do mesmo ano, antes de discutir o assunto com Thierry Marchaisse, nas Éditions du Seuil, Maurizio Ferraris e Giuseppe Laterza expuseram o projecto a Jacques Derrida, pedindo-lhe que se encarregasse da escolha do tema; também no seu caso, a resposta foi: a religião.

Esta coincidência, a que chamamos o “espírito do tempo”, a meio caminho entre a harmonia preestabelecida e o puro acaso, pareceu-nos uma razão suficiente para admitirmos o carácter central do tema-argumento já dito. Os tempos mudaram decerto desde a época em que Hegel escrevia que o sentimento fundamental da sua época se exprimia na sentença “Deus morreu”. Mas o “nosso” tempo (que, como o de Hegel, começa com o nascimento de Cristo) será na realidade tão diferente? E esse fenómeno, a que erradamente se chama o “renascimento da religião” (no interior dos parlamentos, do terrorismo e dos *media*,

mais ainda do que nas igrejas, cada vez mais vazias), será na realidade outra coisa que não a “morte de Deus”? Tal foi a questão que nos pusemos, sem dúvida como toda a gente hoje faz, e que submetemos aos amigos e colegas convidados a colaborar conosco.

Uma vez que o espírito do tempo não é o Espírito Santo, pareceu-nos que escrever a colegas nossos pedindo-lhes ensaios “sobre a religião” se tornava uma diligência mais problemática do que nunca. Foi por isso que organizámos um seminário, que teve lugar em Capri graças à generosidade do Instituto italiano per gli studi filosofici; ao seu presidente, Gerardo Marotta, e ao seu secretário, Antonio Gargano, dirigimos aqui, como sempre, os nossos calorosos agradecimentos. É a este encontro, que se desenrolou nos dias 28 de Fevereiro e 1 de Março de 1994, que aludem por vezes os ensaios que se seguem e, em particular, o de Jacques Derrida.

Ao concluir, gostaríamos de agradecer aqui a todos os amigos que responderam ao nosso convite comparecendo em Capri e que nos entregaram, dentro dos prazos fixados, os frutos da sua reflexão. Os nossos agradecimentos reservam um lugar muito especial a Hans-Georg Gadamer que, como o Parménides de Platão, não receou enfrentar o mar dos *logoi* que uma vez mais era necessário atravessar.

Jacques Derrida

Fé e saber

*As duas fontes da “religião”
nos limites da simples razão*

Itálico

1. Como “falar de religião”? Da religião? E da religião, hoje, singularmente? Como ousar falar dela no singular sem temor e tremor neste dia? E tão pouco e tão depressa? Quem teria o impudor de pretender que se trata de um tema ao mesmo tempo identificável e novo? Quem teria a presunção de lhe ajustar alguns aforismos? Para nos darmos a coragem, a arrogância ou a serenidade necessárias, talvez devamos fingir fazer por um instante abstracção, abstracção de tudo, ou de quase tudo, uma certa abstracção. Talvez devamos recorrer à mais concreta e mais acessível, mas também mais desértica das abstracções.

Deveremos salvar-nos pela abstracção ou salvar-nos da abstracção? Onde está a salvação? (Em 1807, Hegel escreve: “Wer denkt abstrakt?”: “Denken? Abstrakt? — Sauve qui peut!” salve-se quem puder, começa ele por dizer, e justamente em francês, para traduzir o grito — “Rette sich, wer kann!” — do traidor que queria pois fugir, com um só movimento, tanto do pensamento como da abstracção e da metafísica: como da “peste”.)

2. Salvar, ser salvo, salvar-se.* *Pretexto de uma primeira questão: poderá dissociar-se um discurso sobre a religião de um discurso sobre a salvação, quer dizer, sobre o são, o santo, o sagrado, o salvo, o indemne, o imune (sacer, sanctus, heilig, holy- e os seus supostos equivalentes em tantas línguas)? E a salvação, será necessariamente a redenção, antes ou depois do mal, da falta ou do pecado? Mas agora: onde está o mal? o mal hoje, presentemente? Suponhamos que haja uma figura exemplar e inédita do mal, até mesmo do mal radical que pareça marcar o nosso tempo e outro nenhum mais. Será identificando este mal que acederemos ao que poderá ser a figura ou a promessa da salvação para o nosso tempo, e portanto à singularidade desse religioso que em todos os jornais lemos estar de regresso?*

A prazo, gostaríamos pois de ligar a questão da religião à do mal da abstracção. À abstracção radical. Não à figura abstracta da morte, do mal ou da doença da morte, mas às formas do mal que tradicionalmente se ligam ao arrancamento radical e portanto ao desenraizamento da abstracção, passando, mas só muito mais tarde, por esses lugares de abstracção que são a máquina, a técnica, a tecnociência e sobretudo a transcendência teletecnológica. “Religião e mekhané”, “religião e ciberespaço”, “religião e numericidade”, “religião e digitalidade”, “religião e espaço-tempo virtual”: para dar um breve tratado destes temas, na economia que nos vincula, conceber uma pequena máquina discursiva que, sendo finita e perfectível, não seja todavia demasiado impotente.

A fim de pensarmos abstractamente a religião hoje, partiremos de potências de abstracção que tais a fim de, a prazo, arriscarmos a hipótese seguinte: por referência a todas estas forças de abstracção e de dissociação (desenraizamento, deslocalização, desincarnação, formalização, esquematização univer-

* “Saver, être sauvé, se sauver”— em francês, *se sauver* pode também, com frequência, significar “fugir”. (N. T.)

salizante, objectivação, telecomunicação, etc.), a “religião” está ao mesmo tempo do lado do antagonismo reactivo e do lado da exasperação reafirmativa. Está-o aí onde o saber e a fé, a tecnociência (“capitalista” e fiduciária) e a crença, o crédito, a fiabilidade, o acto de fé se combinarão sempre, no seu próprio lugar, no nó de aliança da sua oposição. De onde a aporia — uma certa ausência de caminho, de via, de saída, de salvação — e as duas fontes.

3. *Quem jogue o jogo da abstracção, e da aporia do sem-saída, talvez deva começar por se retirar para um deserto, ou até mesmo por se isolar numa ilha. E contar uma história breve que não seja um mito. Do género: “Era uma vez”, uma só vez, um dia, numa ilha ou no deserto, imaginemos que, para “falar de religião”, alguns homens, filósofos, professores, hermeneutas, eremitas ou anacoretas, dar-se-iam o tempo de mimar uma pequena comunidade ao mesmo tempo esotérica e igualitária, amigável e fraterna. Talvez fosse ainda necessário situar o seu propósito, limitá-lo no tempo e no espaço, dizer o lugar e a paisagem, o momento passado, um dia, datar o furtivo e o efémero, singularizar, fazer como se se mantivesse um diário, do qual se fossem rasgar algumas páginas. Lei do género: a efeméride (e falamos já interminavelmente do dia). Data: dia 28 de Fevereiro de 1994. Lugar: uma ilha, a ilha de Capri. Um hotel, uma mesa à volta da qual falamos entre amigos, quase sem ordem, sem ordem do dia, sem palavra de ordem, excepto uma palavra, a mais clara e a mais obscura: religião. Podemos fazer de conta crer, acto fiduciário, que partilhamos uma certa pré-compreensão. Fazemos como se possuíssemos algum sentido/senso comum do que quer dizer “religião” através das línguas que cremos (tanta crença por este dia, já!) saber falar. Cremos na fiabilidade mínima do termo. Como Heidegger quanto àquilo a que chama o Faktum do léxico do ser (na abertura de Sein und Zeit), cremos (ou cremos dever) pré-compreender o sentido de tal palavra, que mais não seja para podermos questionar, e em*